

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

IMPÉRIO NEOASSÍRIO: CONTATOS E TROCAS NO MEDITERRÂNEO ANTIGO (SÉCULOS IX-VII a.C.)

Ruan Kleberson Pereira da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ruankpsilva@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como propósito pensar possibilidades de contatos e trocas que foram estabelecidas entre o Mundo Ocidental e o Mundo Oriental através do Mediterrâneo Antigo, analisando introdutoriamente a complexidade de redes, conexões, fluxos, contatos e trocas que permearam essa espacialidade do Mundo Antigo. Mais especificamente, busca-se pensar os contatos e trocas que os assírios estabeleceram na face oriental do Mediterrâneo Antigo durante os séculos IX-VII a.C., sobretudo com os gregos (jônios), como parte de um esforço para abrir novas portas para o entendimento do passado, tais como o inter-relacionamento entre trocas culturais e rotas comerciais que conectavam Ocidente e Oriente e mobilizaram assírios, gregos, egípcios, fenícios, judeus, dentre tantos outros povos, de modo a reconfigurar abordagens integradoras sobre a Antiguidade, demarcando as formas pelas quais as civilizações antigas constituíram-se mutuamente, em movimento, em ação.

Palavras-chave: Império Neoassírio; Mediterrâneo Antigo; Contatos e trocas.

INTRODUÇÃO

Quando nos voltamos para o estudo da Antiguidade não é incomum nos depararmos com abordagens que racionalizam uma concepção de oposição e/ou exclusão entre o *Mundo Ocidental* e o *Mundo Oriental* que, no entanto, tem se mostrado estanque, uma vez que negligencia ou deliberadamente exclui as diversas possibilidades de contatos e trocas que foram estabelecidas entre esses “dois mundos”, deixando de dar conta de uma complexidade de redes, conexões, fluxos, contatos e trocas que permearam as diversas espacialidades do Mundo Antigo.

De outra parte, quando voltamo-nos ao estudo dos contatos e trocas estabelecidos entre os povos antigos, sobretudo no que se refere àqueles que estiveram em intrincado relacionamento na face oriental do Mediterrâneo Antigo, é possível identificar diversos tópicos de pesquisa, tais como os que sugere Dezsö & Vér (2013, p. 330): a origem fenícia do alfabeto grego; o impacto ocidental da matemática oriental; astronomia, adivinhação

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

e medicina; a origem oriental de alguns cultos gregos; o impacto oriental sobre a gênese ou renascimento da mitologia e panteão gregos ou sobre a formação do mundo grego homérico.

Naturalmente, dar conta de todas essas possibilidades de estudo excedem em muito a ambição deste texto que pretende, ainda que em caráter introdutório, assinalar as rotas de conexão e fluxo, de trocas e contatos que permearam as margens do Mediterrâneo Oriental Antigo, demonstrando o impacto da expansão assíria no mundo grego e a presença de motivos orientais presentes na cultura grega do período, sem deixar de sugerir que aspectos gregos foram incorporados à cultura oriental.

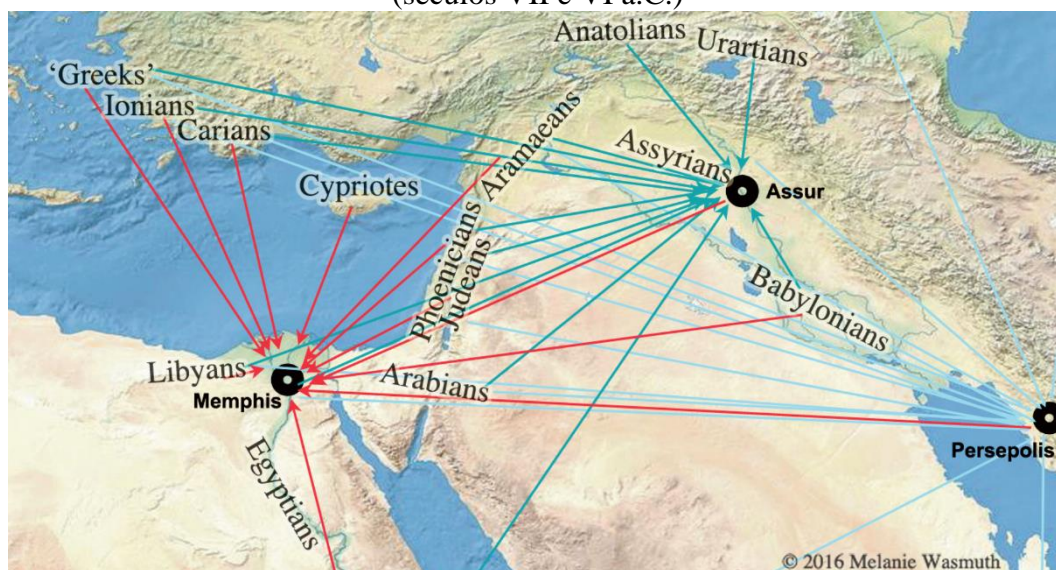
Nesse sentido, pensar os contatos e trocas que os assírios estabeleceram na face oriental do Mediterrâneo Antigo durante os séculos IX-VII a.C. é, antes de tudo, um esforço para abrir novas portas para o entendimento do passado, tais como o inter-relacionamento entre trocas culturais e rotas comerciais que conectaram Ocidente e Oriente, através do Mediterrâneo, do Golfo Pérsico, da Península Arábica, do nordeste da África e da Anatólia, mobilizando assírios, gregos, egípcios, fenícios, judeus, dentre tantos outros povos.

IMPÉRIO NEOASSÍRIO: POLÍTICA E TERRITÓRIO

Durante o Iº milênio a.C. surgiram alguns dos primeiros grandes impérios do mundo antigo. Tal conjuntura possibilitou, entre os séculos VIII a VI a.C., a formação de uma rede de mobilidade inter-regional, cujo influxo afluíam de/para Mênfis, Aššur e Persépolis (ver *Figura 1*). O influxo de pessoas tornou-se mais diversificado no século VIII a.C. e, principalmente, a partir do século VII a.C. em diante. Um fator importante para este aumento da mobilidade interregional e subsequente diversidade cultural pode ser identificada com a política de expansão das "superpotências" inter-regionais, que interconectaram diversas partes do mundo antigo (ver *Figura 2*), tais como o Mediterrâneo Ocidental, a Península Ibérica, o Mediterrâneo Oriental, o Vale do Nilo, a Mesopotâmia, a Ásia Menor, a região do Mar Negro, os Montes Zagros, a Península Balcânica, a Península Arábica e o Levante (WASMUTH, 2016, p. vi-vii).

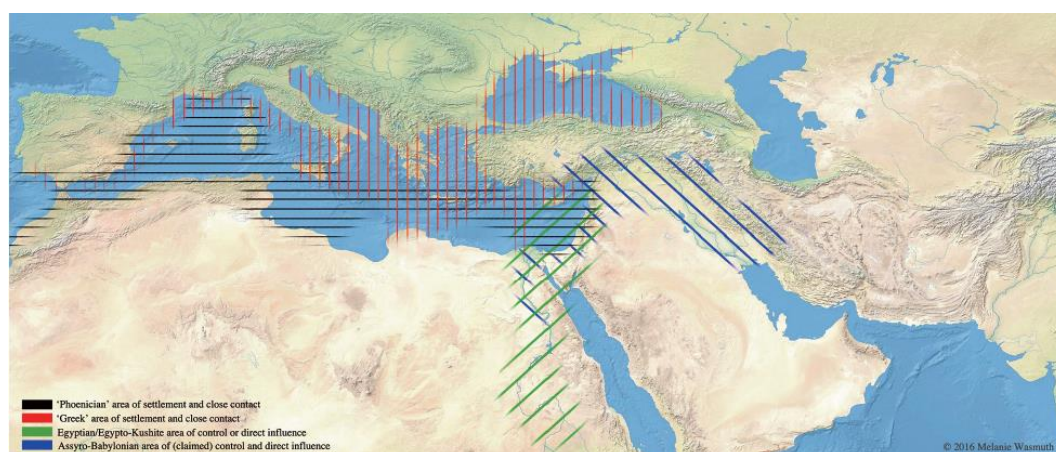
ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Figura 1 – Esboço simplificado de influxos de pessoas para a Assíria, Egito e Pérsia (séculos VII e VI a.C.)



Fonte: WASMUTH, 2016, p. vii

Figura 2 – Extensão da área de conectividade do Mediterrâneo Oriental (séculos VIII a VI a.C.), delineada por áreas de controle e/ou influência direta das principais potências



Fonte: WASMUTH, 2016, p. vii

No que se refere à geopolítica das potências expansionistas inter-regionais, os assírios exerceram grande destaque. Após séculos de dominação estrangeira e de luta em

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

busca da independência, o exercício regular da guerra foi responsável por edificar as fronteiras do Império Neoassírio (ver *Figura 3*), cujo território foi consolidado e expandido no campo de batalha a partir do século IX a.C. (SILVA, 2016, p. 31-43). A partir de então, aglutinaram-se diversos fatores que contribuíram para o aumento da mobilidade inter-regional. Se por um lado foram constantes as campanhas militares, em que as comitivas de soldados assírios estiveram em ações militares regulares e ostensivas, em contrapartida não foram incomuns a formação de alianças entre os poderes locais e as comunidades do outro lado do mar – cários e jônios, por exemplo – como parte das estratégias locais voltadas para políticas de sobrevivência perante o Império Neoassírio. Pode-se sugerir que as inter-relações advindas desses contatos acarretou numa diversidade cultural e linguística que alude à complexidade e à amplitude da malha de interconexões que foram travadas no período (WASMUTH, 2016, p. vi-vii).

Figura 3 - Império Neoassírio (700 a.C.)



Fonte: PARPAS, 2018, p. 35

Colocado dessa forma, o emprego da estratégia e das táticas da política imperialista neoassíria criaram um ambiente político e econômico caracterizado pela

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mobilidade, conectividade e fluidez. Isto se deu pelo fato de que os assírios exerciam o controle imperial no âmbito político e militar de forma rígida, por meio do qual a expansão colonial se tornou a base para a ocorrência do fenômeno da *assirianização*¹, que foi responsável pelo surgimento de uma espécie de “economia de mercado mundial” que serviu às estratégias e interesses assírios, sendo sustentado por poderosos meios militares capazes de aplacar qualquer resistência ao Império Neoassírio e promover uma *Pax Assiriaca* (PARPAS, 2018, p. 26-27).

Em outros termos: o Império Neoassírio foi organizado em um modelo de hierarquia vertical, uma estrutura de poder centralizada e uma organização cívico-militar que tinha a figura do rei como governante absoluto, representante máximo do poder divino no plano terreno. Por conta disso, o rei representava a ordem (*kîttum*) e a justiça (*mîsharum*), na medida em que as várias campanhas militares não eram praticadas apenas para saques e tributos, mas também para manter e/ou restaurar a ordem e a justiça nas terras conquistadas (REDE, 2009; FALES, 2010; PARPAS, 2018).

Portanto, as guerras atuaram como mecanismos socialmente conhecidos e culturalmente organizados, não sendo agentes causadores de destruição, mas funcionando (para o caso assírio) como organismos ordenadores (SILVA, 2016, p. 45). Ademais, a guerra na Assíria foi um elemento dinâmico da economia do Império (NADALI, 2015, p. 49), por meio da qual foi possível expandir o território e dominar militar e politicamente as terras conquistadas com o propósito de explorar o comércio e maximizar os recursos obtidos em benefício das *Terras de Aššur*². Mas há que se considerar que

a expansão imperial não foi um processo de conquista de territórios contíguos, mas sim um processo no qual foram instaladas “ilhas” de controle territorial em zonas periféricas, estabelecendo a hegemonia indireta da Assíria sob as regiões fora das fronteiras imperiais. Entre essas “ilhas” e o centro do Império havia zonas neutras, que eram os pequenos reinos e/ou Estados que não se caracterizavam como inimigos hostis ao Império. Na efetivação do domínio e da comunicação, o Império estabeleceu um sistema de corredores que interconectavam todas as porções do vasto território. Isso implica a existência de diversos níveis de autonomia em relação ao Império e, por outro lado, de

¹ Em síntese, o processo que visa limitar os padrões e características políticas, religiosas e culturais não-assírias, ao passo que os padrões assírios são promovidos e adotados a fim de promover as políticas e interesses assírios (BERLEJUNG, 2012, p. 27 *apud*. PARPAS, 2018, p. 26).

² Originalmente, “*mat Aššur*”, a “Terra de Aššur”, que correspondia ao núcleo original do Império, formado pelo triângulo geográfico de Aššur, Nínive e Arbela. No início, centralizava-se apenas em torno da cidade de Aššur, mas gradativamente se expandiu e efetivou-se como o centro do Império Assírio em sua consolidação máxima (PARPAS, 2018, p. 29).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

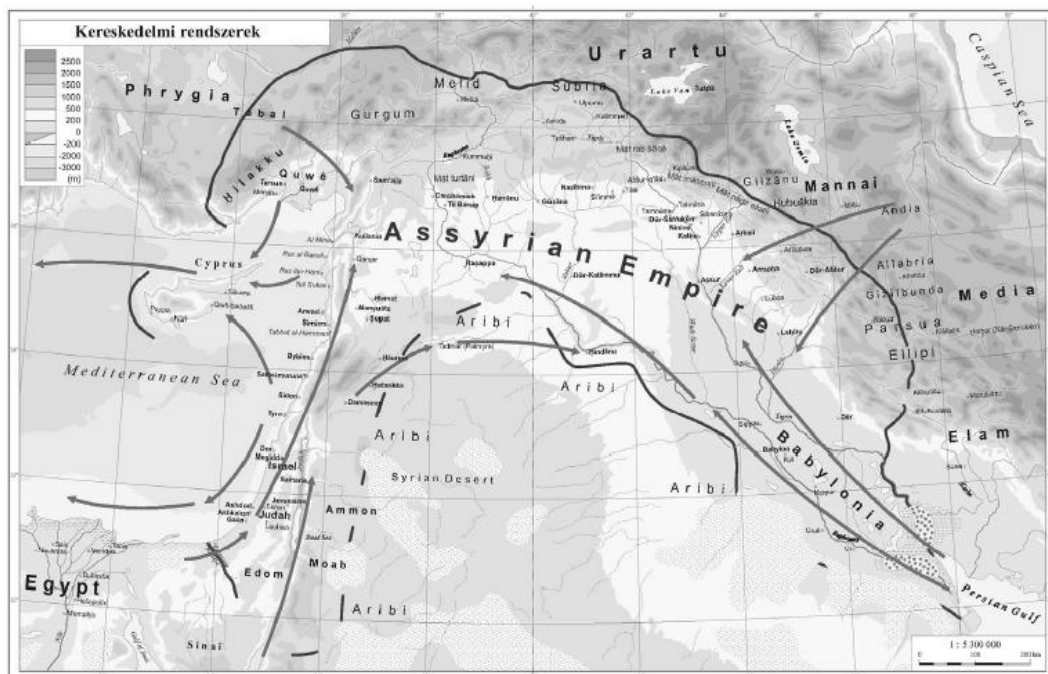
continuidade do poder deste sob as regiões circundantes (PARKER, 2012 *apud*. SILVA, 2016, p. 45).

Como a “geografia do poder” era variável e flexível, a Assíria regulava sua relação com os estados vassallos a partir dos seguintes eixos:

a) Independência na administração de seus assuntos internos; b) Tolerância religiosa, étnica e cultural; c) Pagamento de tributo regular (*biltu*, *madattu*) e/ou presentes de audiência ou cerimoniais (*nāmurtu*, *kadru*), e reembolso de taxas alfandegárias ou de trânsito (*miksu*), bem como participação em campanhas militares assírias; d) Exploração de seus recursos e integração econômica no sistema econômico assírio, e cooperação com os mecanismos de monitoramento e supervisão sempre que necessário; e) Obediência política imposta por coerção, intimidação e interferência militar direta ou indireta; f) Em caso de desobediência inaceitável e insubordinação, eram anexados à rede provincial assíria (PARPAS, 2018, p. 34).

Tendo o controle sistemático dessa estrutura, o Império Neoassírio garantiu as bases por meio das quais passou a administrar as mais importantes rotas de comércio do mundo oriental (ver *Figura 4*).

Figura 4 - Principais portos na costa do Mediterrâneo e rotas de comércio no Oriente



Fonte: DEZSŐ & VÉR, 2013, p. 331.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Uma das mais importantes estratégias empregadas pelos assírios para garantir o sucesso de seu empreendimento consistiu no estabelecimento dos *kāru*³ e dos *bīt kāri*⁴ (DEZSÖ & VÉR, 2013, p. 353-354; PARPAS, 2018, p. 37), a partir dos quais estruturou um sistema de comércio de larga escala conectando Oeste e Leste, transportando produtos entre Mediterrâneo, Golfo Pérsico, Golfo de Aqaba (Mar Vermelho), Península Arábica, nordeste da África (Egito), Levante e Anatólia.

No entanto, as novas configurações da balança de poder na Costa Levantina interferiram diretamente nos interesses comerciais de gregos e egípcios no Mediterrâneo Oriental, acarretando conflitos militares que, em decorrência dos interesses comerciais, possibilitou formas de contato, conexão e trocas entre Ocidente e Oriente, gregos e assírios, na Costa Oriental do Mediterrâneo.

GREGOS E ASSÍRIOS: CONTATOS

O poderio militar assírio esteve ancorado majoritariamente na força de seu exército predominantemente terrestre. Isto, contudo, não implica na ausência de uma incipiente presença naval assíria no Mediterrâneo Oriental e, possivelmente, no sul da Mesopotâmia, sustentada pela experiência e capacidades navais de seus estados vassalos no Levante e provavelmente no Chipre. Tal fato demonstra uma ampliação na própria concepção dos limites do mundo na visão mesopotâmica que, desde o final do Período Dinástico Inicial (c. 2350 a.C.), limitava-se às costas externas do Mar Superior (Mediterrâneo) e do Mar Inferior (Golfo) (PARPAS, 2018, p. 95).

Parte dessa mudança possui relação direta com o processo de expansão assíria, sobretudo a partir de Tiglath-Pileser I (1115-1076 a.C.), durante o Período Médio Assírio (1363-934 a.C.), quando o rei alcançou a costa do Mediterrâneo e recebeu homenagens de cidades fenícias, como Biblos e Sidon. A prática de campanhas militares direcionadas

³ Uma rede assíria de centros de comércio e coleta de impostos. Também podem ser entendidos como porto, estação comercial ou cais. Em textos neoassírios, *kāru* também poderia significar a residência do administrador financeiro do distrito, também dito *rab kāri*.

⁴ Edifícios alfandegários, também podem ser entendidos como os estabelecimentos para onde as mercadorias eram canalizadas e os impostos eram coletados. A estação comercial pode ter sido protegida pela fundação de um assentamento militar ou fortaleza (*duru*).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

à Costa Oriental do Mediterrâneo foi continuada pelos seus sucessores e, ao longo do Período Neoassírio (934-609 a.C.), foi ampliada. Assurnasirpal II (884-859 a.C.) alcançou a costa do Levante e recebeu homenagens das mesmas cidades fenícias que Tiglath-Pileser I recebera. Também reivindicou a soberania sobre a região, realizando o ritual tradicional de lavar suas armas no Mar Mediterrâneo. Shalmaneser III (859-824 a.C.) manteve o mesmo interesse pela Costa Mediterrânica que seus predecessores, dentro dos mesmos limites. Porém, é com Tiglath-Pileser III (745-727 a.C.) e Sargão II (722-705 a.C.) que os assírios estenderem suas atividades marítimas e navais no Mediterrâneo além da costa e das ilhas costeiras (PARPAS, 2018, p. 97-98).

A expansão do Império Neoassírio tornou possível o contato com o mar (Mediterrâneo, sobretudo) e com os povos que já os navegavam, dando início a uma política de conquistas e dominação afora dos limites do fim do mundo (mesopotâmico). Com isso, os reis assírios executaram uma estratégia de longo prazo com o objetivo de exercer o controle de toda a costa do Levante, de norte a sul desta região, de Kilikia ao Egito, alcançando progressivamente sua fase de implementação completa nos reinados de Senaqueribe (705-681 a.C.), Esarhaddon (681-669 a.C.) e Assurbanipal (669-631 a.C.) (PARPAS, 2018, p. 98-100).

É nesse contexto que as formas de contato, conexão e trocas entre gregos e assírios se efetivam na Costa Oriental do Mediterrâneo. Os primeiros registros desse contato remetem ao reinado de Tiglath-Pileser III, quando se documentou a presença de uma “ofensiva” militar grega (denominados *jônios* na documentação assíria) contra os assírios na Costa Levantina. É plausível que se tratasse de uma invasão de piratas vinculada à competição com entrepostos fenícios (sob controle assírio) com as redes comerciais gregas. Há que se pontuar, inclusive, que os gregos reconheciam a estrutura imperial assíria, relegando oposição indireta mediante ataques a regiões tributárias (sob controle indireto) do Império. Somente a partir de Sargão II que se teve início uma estratégia militar de larga escala para conter a atuação da política de pirataria grega na fronteira noroeste do Império, sendo relevantes os registros pictóricos, ainda que fragmentários, de batalhas navais nos painéis de Til-Barsip, nas quais se pode identificar navios de guerra tripulados por marinheiros assírios em combate (DEZSÖ & VÉR, 2013, p. 334-336; LANFRANCHI, 2000, p. 13-22).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Senaqueribe também teve que enfrentar os ataques jônios na Costa Levantina, mormente como parte da campanha anti-Assíria que se desenvolveu em função da luta pelo controle da Cilícia. Desse modo, há que se pontuar a presença de soldados (mercenários ou auxiliares) gregos combatendo contra a Assíria no Levante, Egito, Judá e Anatólia, numa atividade que resguarda estreitas relações com as dinâmicas comerciais. Há que se ressaltar que mercenários gregos também integraram o exército Assírio na Cilícia com Esarhaddon, bem como há evidências que sugerem a presença grega no exército assírio anteriormente, ainda com Tiglath-Pileser III, não sendo incomum a representação de soldados gregos nos relevos neoassírios (DEZSÖ & VÉR, 2013, p. 339-344; LANFRANCHI, 2000, p. 22-31).

Portanto, não se deve considerar o contato entre gregos e assírios apenas por uma dicotomia diametralmente oposta. É preferível pensar os interesses que permeavam a construção dos contatos, os elementos que motivaram as conexões, as direções em que se manifestaram os fluxos e toda a malha de aspectos que foram mobilizados durante esse período. Aliás, é possível sugerir que o contato com os gregos contribuiu significativamente para o desenvolvimento de uma marinha assíria capaz de exercer totalmente seus termos e condições na região, assim como melhorar o transporte fluvial de mercadorias e matérias-primas (ver *Figura 5*), cargas de blocos e outros acessórios transportados em barcos de casco largo no rio Tigre para uso no palácio de Senaqueribe.

Figura 5 - Transporte de cargas de blocos e outros acessórios no Rio Tigre para uso no palácio de Senaqueribe (c. 700 a.C.)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: PARPOLA, 2015, p. 53 *apud*. PARPAS, 2018, p. 108.

A presença de registros de batalhas navais e do transporte fluvial de materiais implica no reconhecimento de que houve um gradativo aumento do cuidado e planejamento das ações praticadas pelo Império, relacionado diretamente ao interesse central no controle da região. É factível sugerir, pois, que os assírios sabiam que para manter a conquista efetiva da costa mediterrânea oriental precisavam manter um lucrativo comércio nos seus entrepostos (*kāru*), o controle político-administrativo e militar das províncias e reinos vassalos, bem como manter uma marinha própria – embora dispusessem do controle da marinha dos povos subjugados. Desenvolvendo esses aspectos, os assírios conseguiram promover uma conectividade operacional entre o mar e os rios que lhes permitiram avançar em sua estratégia de dominação imperial, criando uma rede baseada na dominação terrestre, fluvial e marítima (PARPAS, 2018, p. 100-111).

GREGOS E ASSÍRIOS: CONEXÕES

A dominação assíria implementa uma lógica sistêmica de comércio internacional (ver *Figura 4*), estabelecendo os *kāru* e conectando a rede de comércio assíria às redes comerciais preexistentes, interconectando pessoas, produtos e culturas em larga escala.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Vale salientar que as conexões comerciais estabelecidas pelos “portos de comércio grego” na margem oriental mediterrânea são anteriores a conquista assíria (em 738 a.C.), o que explica a presença do comércio internacional de cerâmicas gregas de luxo no Oriente, verificada por meio dos vestígios arqueológicos encontrados na região sul da Palestina, costa norte da Síria, Fenícia, Chipre, Cilícia e Costa Levantina (LANFRANCHI, 2000).

A natureza desse contato, porém, é mais ampla e faz parte de um fenômeno complexo e profundo: o *fenômeno orientalizante* na arte grega arcaica, em especial no VII século a.C., marcado pela presença de signos, motivos e representações criados pelos artesãos do Oriente Próximo (assírios, fenícios e egípcios) e assimilados pelos artífices gregos, sobretudo os pintores de vasos de Corinto, que foram os pioneiros no contato com representações orientais (LIMA, 2017, p. 40; LIMA, 2015, p. 3). Lima (2017, p. 40; 2015, p. 3) aponta que

O arqueólogo Humpry Payne enfatiza esse contato e sugere uma apropriação, por parte dos ceramistas coríntios, dos esquemas pictóricos orientais. Por exemplo, o leão, no estilo protocoríntio, era hitita, já no estilo coríntio de pintura, a inspiração seria da região da Assíria (PAYNE, 1931, p. 67). Seguindo essa interpretação, os artífices coríntios importaram também do Oriente entidades sobrenaturais, tais como esfinges e grifos (BOARDMAN, 1965, p. 48). Esses animais e seres fantásticos preencheram os frisos dos vasos principalmente durante o VII século a.C., entretanto, em meados do VI a.C. tais representações começam escassear (COOK, 1997, p. 57).

Isso não nos leva a crer numa noção de influência passiva, seja de assírios em relação aos gregos, seja de gregos em relação aos assírios. É preferível pensar em ideias de trocas e de assimilações entre artesãos orientais e gregos (especificamente coríntios), voltadas para uma perspectiva de consumo ativo e consciente dos signos e esquemas pictóricos orientais por parte dos artesãos gregos e de sua clientela (grega), que igualmente usava e lia de forma diferenciada os artefatos e imagens orientalizantes (LIMA, 2017, p. 41-42; LIMA, 2015, p. 5). Dessa forma, podemos apontar que

O que comumente chamamos de *fenômeno orientalizante* consiste essencialmente no encontro de pessoas de culturas diferentes em um contexto de navegação e exploração das potencialidades do mar (comércio, colonização, pirataria); da transferência de técnicas artesanais e além de circulação desses artesãos em culturas distintas. O *fenômeno orientalizante* ocorre em sociedades com um certo tipo de desenvolvimento econômico e com elites poderosas que “controlam” esse desenvolvimento (HOZ, 2010 *apud*. LIMA, 2017, p. 42; LIMA, 2015, p. 3).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Todavia, é imperativo alertar que não há um “estilo orientalizante” único e homogêneo, uma vez que é factível que cada cultura tenha reagido de modo particular ao estilo oriental, consumido de forma diferenciada os signos orientais e, a partir daí, afirmado uma “identidade estilística” própria, calcada pela diferença e pela heterogeneidade (CROISSANT, 2010 *apud.* LIMA, 2017, p. 43-44; LIMA, 2015, p. 4). É possível identificar o *fenômeno orientalizante*, por exemplo, por meio da descrição e análise das cenas contidas na *Cratera de Eurytos* (ver *Figura 6*), seguindo a proposta de Lima (2015, p. 9-10).

Figura 6 - Cratera de Eurytos – banquete e cavaleiros



Fonte: Museu do Louvre (E 635) *apud.* LIMA, 2015, p. 10-11.

O significado das cenas contidas no vaso passa necessariamente pela compreensão dos signos escolhidos pelo pintor em sua composição: animais representados em frisos secundários (cavalos) e nas extremidades e “margens” do vaso (animais na parte plana da orelha e da boca da cratera), que reiteram a ideia de caça. A caça mítica ao leão⁵ e a representação de cães e corças⁶ estão mescladas com a presença da pantera e da lebre⁷. A

⁵ Prática assimilada do Oriente e parte de uma longa tradição da cultura mesopotâmica, representada com notável destaque nos relevos parietais neoassírios (SILVA, 2016, p. 126-129).

⁶ Animais relacionados aos ritos iniciáticos dos jovens (VIDAL-NAQUET, 2005, p. 169 *apud.* LIMA, 2015, p. 12).

⁷ Entendidos como representação da caça amorosa (SCHNAPP, 1984 *apud.* LIMA, 2015, p. 12).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

esse ideário da caça, soma-se um ser híbrido oriental, a esfinge⁸, que também foi representada na boca da cratera (LIMA, 2015, p. 11-12).

Em conjunto, essas representações contribuem significativamente para pensarmos os horizontes criativos em que estava inserido o imaginário dos artesãos coríntios, nutridos pelo consumo ativo de símbolos orientais que circulavam através das rotas comerciais, por meio de pessoas e produtos que foram conectados a partir da expansão assíria até as margens orientais do Mediterrâneo, sobretudo entre os séculos IX e VII a.C. Desse modo, o contato entre o Oriente/Assíria e o Ocidente/Grécia foi elemento significativo nas transformações artísticas do século VII a.C., tanto na estilística dos vasos gregos quanto na composição dos motivos navais/marítimos em relevos parietais neoassírios, mobilizando identidades e alteridades de parte à parte.

NOTAS (IN)CONCLUSIVAS

O Império Neoassírio em expansão estabeleceu portos de comércio (*kāru*) durante os séculos IX a VII a.C., estabelecendo importantes rotas comerciais e portos da costa do Levante. A política comercial assíria procurava exercer o monopólio comercial das regiões sob seu controle, exigindo de mercadores estrangeiros o pagamento de tributos e taxas para poderem negociar mercadorias que não constasse na lista de artigos de exclusivo comercial assírio, tais como cedro, ferro, metais preciosos, jóias e escravos. Com isso, os assírios conseguiram estabelecer e administrar uma rede comercial de larga escala em que, desde o século X a.C., fez circular artefatos orientais no mundo grego, ao passo que cerâmicas de luxo gregas difundiram-se em sítios orientais, o que demonstra a amplitude e o aprofundamento dos contatos comerciais e culturais que foram praticados (DEZSÖ & VÉR, 2013; LANFRANCHI, 2000).

Para além disso, apontamos para a importância dos estudos acerca das transformações, disputas e rivalidades políticas em diálogo com os aspectos econômicos, sociais e culturais, buscando transcender uma visão limitada e reducionista do Mundo Antigo, superando dicotomias e maniqueísmos que alijam as análises histórico-

⁸ Símbolo que evoca a ideia de alteridade, de contato com o Outro e com o diferente (LIMA, 2015, p. 12).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

arqueológicas e, a partir de um exercício reflexivo, que sirvam para repensarmos o presente, extrapolando as oposições, conflitos e afastamentos que nos atravessam. Portanto, é preciso pensar as trocas, os contatos, as redes, as conexões e as diversas formas de interação que as civilizações antigas traçaram entre si, construindo-se de modo a reconfigurar abordagens integradoras sobre a Antiguidade, demarcando as formas pelas quais constituíram-se mutuamente, em movimento, em fluxo, em ação.

Assírios e gregos, por exemplo, para além dos mesmos territórios em disputa, conheceram-se pelo contato (nem sempre amistoso, nem sempre rival), através das relações de interesses próprios do tecido social e das malhas de aspectos políticos e econômicos; encontraram-se no campo de batalha (por vezes, de lados opostos; noutras, no mesmo campo) e impactaram-se mutuamente. Entre eles, o Mediterrâneo Antigo, essa espacialidade (de fronteira) capaz de conectar mundos (razoavelmente) distintos: Ocidente e Oriente, Gregos e Assírios, Passado e Presente.

REFERÊNCIAS

DEZSÖ, T.; VÉR, Á. Assyrians and Greeks: the nature of contacts in the 9th-7th centuries BC. *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae*, 53, Budapeste, 2013, p. 325-359.

FALES, F. M. *Guerre et Paix en Assyrie: Réligion et impérialisme*. Paris: Éditions du Cerf, 2010. (Les conférences de l'École Pratique des Hautes Études; 2).

LANFRANCHI, G. B. The Ideological and Political Impact of the Assyrian Imperial Expansion on the Greek World in the 8th and 7th Centuries BC. In: ARO, S. – WHITING, R. M. (eds.): *The Heirs of Assyria. Proceedings of the Opening Symposium of the Assyrian and Babylonian Intellectual Heritage Project Held in Tvärminne, Finland, October 8–11, 1998* [Melammu Symposia I]. Helsinki, 2000, 7–34.

LIMA, A. C. C. O “fenômeno orientalizante” e as olarias de Corinto: representações de animais e de signos identitários no século VII a.C. In: BAPTISTA, L. V.; VASQUES, M. S. (orgs.). *Identidade no Mundo Antigo: pesquisas, diálogos e apropriações*. Curitiba: Ed. Prismas, 2017, p. 39-55.

_____. O “espaço do fabuloso” e a representação de animais na cerâmica coríntia no século VII a.C. *Revista Tempo*, v. 21, n. 38, Dossiê Imagética de vasos gregos. 2015. p. 01-17.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

NADALI, D. El poder de la Guerra: ¿es posible hablar de “cultura de la guerra” en el Cercano Oriente Antiguo? *Anuario Digital*, v. 27, n. 6, Universidad Nacional de Rosario, Maipú (Argentina), 2015, p. 39-50.

PARPAS, A. P. *The Assyrian Empire and Cyprus*. CreateSpace Independent Publishing platform, 2018.

RADNER, K. The Neo-Assyrian Empire. In: GEHLER, M.; ROLLINGER, R. (eds.). *Imperien und Reiche in der Weltgeschichte: Epochenübergreifende und globalhistorische Vergleiche*. v. 1. Wiesbaden (Alemanha): Harrassowitz Verlag, 2014, p. 101-119.

REDE, M. O ‘Rei da Justiça’: Soberania e Ordenamento na Antiga Mesopotâmia. *Phoênix*, v. 15/1, Rio de Janeiro, 2009, p. 135-146.

SILVA, R. K. P. *Guerra, soberania, ordem e equilíbrio cósmico: representações sociais em relevos neoassírios (884-727 a.C.)*. 1.v. Dissertação (PPGH) - UFRN, Natal, 2016.

WASMUTH, M. The eastern mediterranean area of connectivity in the 8th–6th century BCE — setting an agenda. In: WASMUTH, M.; CREASMAN, P. P. (eds.). *People on the Move: Framework, Means, and Impact of Mobility across the Eastern Mediterranean Region in the 8th to 6th Century BCE*. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, v. 12, 2016. p. VI-XVI.